

ESTRUTURA ORACIONAL E POSIÇÃO DO VERBO NO PORTUGUÊS CLÁSSICO

André Luis ANTONELLI¹

RESUMO: À luz de pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros em sua versão minimalista (CHOMSKY, 1995, e trabalhos subsequentes), o objetivo central do presente artigo é determinar a posição ocupada pelo verbo finito na estrutura oracional de sentenças declarativas da gramática do Português Clássico. Para isso, investigaremos a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, obra de Fernão de Oliveira publicada em 1536, tomando-a como um texto representativo da gramática do período clássico do Português Europeu. Aqui, defenderemos que a posição final do verbo seja no núcleo da categoria funcional FP (no sentido de URIAGEREKA, 1995), localizada entre CP e TP.

PALAVRAS-CHAVE: Posição do Verbo. Estrutura Oracional. Sujeito. Sintaxe. Português Clássico.

Introdução

Na perspectiva teórica da gramática gerativa, a questão da sintaxe de posição do verbo nas línguas naturais envolve uma pergunta abstrata que vai além da descrição da ordem relativa do verbo com os outros constituintes da oração, e que se coloca nos seguintes termos: qual a categoria funcional ocupada pelo constituinte verbal? Tomando essa pergunta como ponto de partida, o objetivo central do

¹ Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP, Brasil. a_antonelli28@yahoo.com.br

presente trabalho é, à luz de pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros da gramática gerativa em sua versão minimalista (CHOMSKY, 1995, e trabalhos subsequentes), identificar as categorias funcionais relevantes para a sintaxe de posição do verbo finito em sentenças declarativas da gramática do Português Clássico (doravante PCI). Para esse trabalho de mapeamento, investigaremos a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, obra de Fernão de Oliveira publicada em 1536,² considerada aqui um texto representativo da gramática do período clássico do Português Europeu.³

Neste artigo, a investigação a respeito da sintaxe de posição do verbo no PCI será feita olhando-se principalmente para as possíveis posições de superficialização do sujeito em relação ao verbo. Essa estratégia se justifica caso venhamos a aceitar que a alternância entre as ordens de palavras sujeito pré-verbal (SV) versus sujeito pós-verbal (VS), tal como encontrada na obra que iremos explorar e ilustrada ao longo da discussão que se segue, sinalize para diferentes posições que podem ser ocupadas pelo sujeito, especificamente no contexto das orações declarativas. Assim, uma vez determinadas as posições válidas para o sujeito, tem-se conseqüentemente um ponto de referência importante para detectar a localização do verbo.

Ainda como aspecto introdutório à análise, para os propósitos da discussão que vamos realizar aqui, iremos assumir uma estrutura oracional preliminar até o nível de CP, tal como proposta em Chomsky (1995), na qual a projeção da categoria vP funciona como uma implementação em termos minimalistas da hipótese do sujeito interno a VP (KOOPMAN; SPORTICHE 1991).⁴

(1) [_{CP} [_{TP} [_{vP} [_{VP}]]]]

Sujeitos pós-verbais e a posição do verbo

Nesta seção, analisaremos as propriedades dos sujeitos pós-verbais em orações declarativas, procurando definir a sua posição na estrutura oracional a fim de

² A *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* está disponível em formato eletrônico no *Corpus Tycho Brahe* (<http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/index.html>), a partir de onde realizamos a consulta ao texto.

³ Considero o PCI como uma gramática que se estende do século XIV ao fim do XVII. Cf. Galves, Namiuti e Sousa (2006) para uma discussão detalhada a respeito da periodização da língua Portuguesa.

⁴ Chomsky (1995) assume que, em estruturas com verbos transitivos ou inergativos, o papel temático de argumento externo é atribuído a [Spec, vP]. No caso de estruturas com verbos inacusativos, que se caracterizam por não apresentarem um constituinte com papel temático de argumento externo, aceita-se que a categoria vP não é projetada, mas apenas VP. Aqui, vamos seguir essas ideias de Chomsky.

se ter uma referência para a localização do verbo. Inicialmente, apresentamos exemplos ilustrativos da sequência linear VS, tal como registrados nas orações transitivas matricizes a seguir do texto de Fernão de Oliveira.

- (2) a. **Diz Antonio de Nebrissa** que temos na Espanha somente as letras latinas.
 b. E [esta diferença ou semelhança, a que os gregos chamam anomalia e analogia], **ensinaremos nós** na nossa lingua quanto nos Deos ministrar e couber nesta pequena obra, porque mostremos que os homens também sabem falar e têm concerto em sua lingua.
 c. [Na penultima sillaba] **têm** o acento as dições que têm essa antepenultima grande, tendo as outras seguintes, ultima e penultima, pequenas, como amavamos, andavamos, ardego, hetego, aspero, colera;

Como se observa, não há um tipo homogêneo de inversão VS, considerando-se o tipo de material que ocorre à esquerda do verbo. Em (2a), tem-se um verbo *dicendi* em primeira posição inicial da oração, sendo imediatamente seguido pelo seu argumento externo, isto é, o sujeito. Nos demais exemplos, observa-se que o verbo finito de cada uma das orações não é o primeiro constituinte da oração, embora todas ainda manifestem o sujeito em posição pós-verbal. Em (2b), o verbo é imediatamente precedido por um objeto direto deslocado. No exemplo (2c), o sintagma pré-verbal é um PP que não faz parte da grade argumental do verbo finito.

Em vista da estrutura oracional apresentada em (1), tecnicamente há ao menos duas maneiras de derivar a ordem VS de sentenças transitivas tais como as exemplificadas em (2). Esses dois mecanismos são representados em (3) e (4).

$$(3) \quad [_{CP} V_i \quad [_{TP} \textit{Sujeito}_k \quad [_{T'} t_i \quad [_{vP} t_k \quad t_i \quad]]]]$$

$$(4) \quad [_{TP} V_i \quad [_{vP} \textit{Sujeito} \quad [_{v'} t_i \quad]]]$$

(3) ilustra uma análise da ordem VS que é derivada da seguinte forma: tanto o sujeito quanto o verbo se movem até o domínio de TP; o sujeito permanece em [Spec, TP], mas o verbo realiza um movimento adicional até o núcleo de CP. Na derivação alternativa esquematizada em (4), o verbo move-se até T e permanece aí; o sujeito não precederia o verbo, já que em nenhum momento teria sido alçado de sua posição de base [Spec, vP]. Uma variação dessa última análise seria assumindo que o sujeito esteja em [Spec, vP], e o verbo, ao invés de ser alçado apenas

até T, é movido até C. Nesse caso, o verbo ainda precederia o sujeito e a ordem VS também seria derivada.

Para a questão da sintaxe de posição do verbo no PCI, a depender da posição em que estiver o sujeito nas ordens VS, teríamos então uma das seguintes implicações: caso a posição final do sujeito seja em [Spec, TP], a implicação é que o verbo necessariamente se encontra em C;⁵ caso o sujeito esteja em [Spec, vP], a posição final do verbo pode ser em C, mas não necessariamente, já que o verbo poderia ter sido alçado apenas até T, derivando-se ainda assim a ordem VS.

Tendo isto em mente, mostraremos agora que, ao menos no âmbito das orações declarativas, uma das posições disponíveis para o sujeito em sequências VS é [Spec, vP]. Um argumento inicial vem de sentenças dependentes que superficializam a ordem VS, como exemplificado em (5):

- (5) a. E para estas diversidades e outras muitas de estados ou officios que têm as cousas, têm também os nomes antre os latinos e gregos diversidade de letras, dividindo cada estado da cousa com sua diferença de letras no cabo do nome, assi como nós dissemos [que **fazia a nossa lingua** nos generos e numeros.
 b. Ainda porém [que **diz Mersilo** que de Etrúria tem a Italia as letras e doutrinas,

Dados como os apresentados em (5) podem ser problemáticos para uma análise que defenda que a posição final do sujeito em sequências VS seja em [Spec, TP]. Como os exemplos em (5) mostram, o complementizador é superficializado precedendo o verbo. Aceitando-se a hipótese já consagrada de que complementizadores ocupam o núcleo de CP, admitir que o sujeito esteja em [Spec, TP] tecnicamente nos levaria a esperar que o verbo sempre apareceria linearmente após o sujeito, já que não haveria um outro núcleo entre o complementizador e o sujeito que pudesse ser ocupado pelo verbo, o que não se comprova empiricamente. Admitir, no entanto, que o sujeito se encontra em [Spec, vP] expli-

⁵ Na realidade, o verbo pode estar também no domínio de alguma projeção intermediária entre CP e TP. Exploraremos essa possibilidade alternativa para o posicionamento do verbo quando tratarmos da questão dos sujeitos pré-verbais. Por ora, sempre que dissermos que o verbo possa estar em C, estamos contemplando também a possibilidade de estar no núcleo de uma projeção acima de TP que não é necessariamente CP.

caria de maneira bastante simples a sequência de palavras VS nas orações dependentes, uma vez que entre o complementizador e o sujeito haveria o núcleo de TP, que poderia ser ocupado pelo verbo.

É importante destacar que o argumento da ordem VS em orações dependentes talvez não possa ser tomado como um ponto conclusivo para assumir que sujeitos pós-verbais se encontram necessariamente no especificador de vP. Dizemos isso em vista da possibilidade já defendida na literatura, e à qual fizemos referência anteriormente na nota 5, de existir nas línguas ibéricas uma projeção intermediária entre CP e TP (RAPOSO, 2000; URIAGEREKA, 1995, entre outros). Nesse caso, a priori nada impediria que, nas sentenças dependentes VS, o sujeito estivesse em [Spec, TP], e o verbo, mesmo diante da presença de um complementizador, ainda ocupasse uma posição mais alta que o sujeito, a saber, o núcleo da categoria intermediária entre CP e TP. Como já dissemos, essa possibilidade será melhor considerada quando discutirmos as sentenças com sujeitos pré-verbais.

Um argumento adicional para a hipótese de que sujeitos pós-verbais podem permanecer em [Spec, vP] vem da distribuição de advérbios monossilábicos, tais como *bem*. Em Costa (1996, 1998), argumenta-se que, no Português Europeu Moderno (PE), advérbios desse tipo encontram-se adjungidos à borda à esquerda de vP.⁶ Aceitando-se que esta também seja a situação no período clássico do Português Europeu, a posição de advérbios monossilábicos nos permite testar qual das duas alternativas para o posicionamento do sujeito em sequências VS é a mais adequada na obra de Fernão de Oliveira. Isso porque caso encontremos a ordem V-S-Adv, pode-se dizer que o sujeito não está em sua posição base, mas sim em [Spec, TP], tendo cruzado a borda à esquerda de vP. Caso encontremos a ordem V-Adv-S, pode-se dizer que o sujeito permanece em [Spec, vP].

Na investigação que fizemos da obra *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, encontramos apenas dois casos ilustrativos da ordem VS com o advérbio monossilábico *bem*, ambos apresentados no exemplo (6).

- (6) E para conhecer se em fizeram-nos aquelle nos é artigo composto ou plural deste nome eu, então, quando for plural de eu, escreveremos cada hum por si e o cabo da primeira parte inteiro, como **fizeram-nos** bem [as letras], que quer dizer **fizeram** a nós bem [as letras].

⁶ Ao invés de vP, Costa faz uso do rótulo VP.

Embora sejam registradas apenas duas ocorrências do tipo de dado relevante com o advérbio *bem*, é sintomático que, nos dois casos, o advérbio seja superficializado entre o verbo e o sujeito. Se for mantida a proposta de que advérbios desse tipo ocupam a borda à esquerda de vP, a posição natural para o sujeito seria em [Spec, vP], como representamos em (7), a seguir.

(7) [_{vP} *bem* [_{vP} *as letras*]]

Com isso, o resultado imediato para a questão da sintaxe de posição do verbo é que a posição final do elemento verbal finito não precisa ser necessariamente no núcleo de CP nas sequências VS, mas pode ser em T.

Sujeitos pré-verbais e a posição do verbo

Com base nos dados relativos às sequências de palavras VS no texto de Fernão de Oliveira, foi possível concluir que, ao menos nas orações declarativas, uma das posições possíveis para o licenciamento de sujeitos pós-verbais é [Spec, vP]. Essa conclusão teve o seguinte efeito para a questão da sintaxe de posição do verbo: a ordem VS não é necessariamente o resultado de um movimento do verbo até C, mas pode ser simplesmente o resultado de um movimento mais curto do verbo apenas até T. Diante dessas duas possibilidades de posição final do verbo na estrutura oracional, a partir de agora pretendemos explorar as sentenças SV com o intuito de, uma vez também determinada a posição dos sujeitos pré-verbais, ter evidências adicionais para escolher entre as duas propostas possíveis resultantes da análise na seção anterior.

Na discussão que vamos realizar agora sobre os sujeitos pré-verbais, uma hipótese fundamental que gostaríamos de considerar é a de que não haja uma posição pré-verbal específica para o sujeito nessa fase do Português (GALVES; BRITTO; SOUSA 2005). Na realidade, com base na análise dos nossos dados, encontramos indícios que parecem justamente confirmar a hipótese de que sujeitos pré-verbais e argumentos deslocados disputam uma mesma posição na periferia à esquerda do verbo, o que caracterizaria o PCI como uma língua do tipo V2.⁷

⁷ A respeito da hipótese de que a gramática do período clássico do Português é uma de natureza V2, cf., entre outros, Sousa (2004) e Morais (1995).

Apresentaremos então, inicialmente, alguns fatos que evidenciam a hipótese de que não haja uma posição na periferia à esquerda do verbo designada para abrigar especificamente o sujeito gramatical da oração. Em seguida, discutiremos como isso se assemelha ao que tem sido registrado a respeito de línguas V2 germânicas, por exemplo. A partir dessa discussão, tendo como ponto de partida a estrutura de línguas V2 que se assemelham ao PCI, procuraremos definir a posição dos sujeitos pré-verbais a fim de avaliar quais das duas propostas preliminares de posição do verbo melhor se encaixam aos dados discutidos.

A fim de mostrar a validade da hipótese de que não haja uma posição na periferia à esquerda do verbo especificada para abrigar exclusivamente o sujeito, começamos destacando a baixa incidência, no âmbito das sentenças transitivas matricizes, da ordem de palavras *Sujeito-Complemento-Verbo* (SOV). Manifestando essa sequência linear específica, foram registrados apenas três exemplos, apresentados em (8).

- (8) a. E Aulo Gellio [quasi o mesmo] **sinte** aos três capitulos do segundo livro, com os quaes nem eu quero dar mais valia ao costume de muitos grammaticos, nem quero deixar a esperiencia que me mostra não haver aspiração nestas terras, senão se elles chamam aspiração a qualquer espirito; o qual todas as letras têm, ou pouco ou muito.
- b. E os nomes acabados em ol [a mesma regra] **seguem**, como caracol, caracois; rouxinol, rouxinois; ourinol, ourinois.
- c. e Ptolemeu [na Tavoia da Espanha] **põe** Libisoca e Libura: e esta derradeira Libura põe junto do rio Tejo abaixo de Toledo da parte do sul, quasi mostrando ser Evora que agora chamamos.

Na realidade, estando o objeto imediatamente à esquerda do verbo, registra-se com mais frequência ou uma oração com sujeito pós-verbal (cf. 9) ou uma oração com sujeito nulo (cf. 10).

- (9) a. [As figuras destas letras] **chamam** os gregos caracteres; e os latinos notas.
- b. E [esta diferença ou semelhança, a que os gregos chamam anomalia e analogia], **ensinaremos nós** na nossa lingua quanto nos Deos ministrar e couber nesta pequena obra, porque mostremos que os homens também sabem falar e têm concerto em sua lingua.

- (10) a. [Estas] **dividimos** em consoantes e vogaes.
 b. [Alghüas partes ou vozes] **temos** na nossa língua, as quaes são partes por si mas não sinificam cousa alghüa, e portanto não lhe chamaremos partes da oração ou da língua, como são o nome e verbo e outras.

O caráter de estrutura marcada da sequência SOV em relação às sequências OVS e OV fica evidente a partir dos valores apresentados na tabela 1, onde são mostrados os números absolutos e percentuais dessas três ordens de palavras.

Ordem Linear	Total	%
OVS	11	21
OV	38	73
SOV	3	6
Total	52	100

Tabela 1: Frequência de uso das ordens OVS, OV e SOV

Uma maneira natural de explicar os padrões da tabela 1 seria justamente assumindo, tal como o faz Galves, Britto e Sousa (2005), que, à esquerda do verbo, haveria uma posição interna à oração designada para abrigar um único argumento do sintagma verbal, seja ele o sujeito ou um complemento deslocado, por exemplo. Porém, além dessa posição pré-verbal interna, haveria também a possibilidade de adjunção dos argumentos do sintagma verbal a uma posição externa à oração. Uma representação esquemática desse tipo de estrutura proposta é apresentada em (11).

- (11) _____#_____ V

Assim, sendo a posição interna à oração preenchida por um complemento deslocado, por exemplo, restaria ao sujeito ou ser superficializado em posição pós-verbal ou então não apresentar matriz foneticamente realizada, derivando-se, conseqüentemente, uma sentença com sujeito nulo. Uma última possibilidade, que constituiria uma opção de natureza marcada, seria a superficialização do sujeito

na posição pré-verbal externa. Com isso, tem-se uma explicação para a baixa incidência da sequência linear SOV.

A proposta de que haja duas posições pré-verbais, uma interna e outra externa à oração, é construída por Galves, Britto e Sousa a partir de fatos da variação ênclise/próclise registrados na história do Português Europeu. Essas autoras seguem a idéia de que, na gramática clássica do Português, a ênclise (posição pós-verbal do clítico) deriva da lei de Tobler-Mussafia, isto é, da impossibilidade de o clítico estar em primeira posição absoluta na oração. Não estando o verbo em primeira posição absoluta, a próclise (posição pré-verbal do clítico) é desencadeada. Assim, nos exemplos em (12) a seguir,⁸ por não haver constituinte algum precedendo o verbo, deriva-se a ênclise, ao passo que, nos exemplos em (13), o verbo é imediatamente precedido por um sintagma, o sujeito em (13a) e um argumento deslocado em (13b), daí a derivação da próclise nos dois casos.

- (12) a. **Pronuncia-se** a letra b antr'os beijos apertados, lançando para fora o bafo com impeto e quasi com baba.
b. **Chamam-se** mudas porque em si não têm voz alghüa nem officio ou lugar que lha dê.
- (13) a. [Hum] **me dezia** que não acupasse a grandeza de seu entender com esta minha pequena obra.
b. E [isto] **nos manda** Quintiliano bem ver, porque nisto consiste o saber ler e mais que saber ler.

Porém, há casos em que, mesmo havendo um sintagma em posição pré-verbal, ainda assim o pronome clítico é linearizado em posição pós ou intraverbal, como fica claro nos exemplo a seguir.

- (14) a. [A estas dições alheas com necessidade e não facilmente trazidas] **chamar-lhe-emos** alheas enquanto forem muito novas,
b. [Esta fortuna] **pesa-me** já muito.⁹

Para Galves, Britto e Sousa, fatos como os apresentados nos exemplos em (14), que aparentemente contrariam a lei de Tobler-Mussafia, naturalmente se

⁸ Os exemplos em (12) e (13) também foram extraídos da *Grammatica* de Fernão de Oliveira.

⁹ O exemplo (14b) é apresentado originalmente por Galves, Britto e Sousa.

explicam desde que se assuma a hipótese de que, nos casos em que o clítico segue o verbo apesar de algum sintagma preceder este, o sintagma pré-verbal esteja, na estrutura subjacente, numa posição externa à oração. Assim, em (14a), por exemplo, o complemento deslocado estaria ocupando a posição externa da estrutura oracional em (11), e o verbo, ainda que superficializado em segunda posição, seria o primeiro constituinte absoluto da oração, o que resultaria na derivação da ênclise ou mesóclise (posição intraverbal do clítico), como de fato se registra no exemplo citado. Nesse caso específico, então, a posição pré-verbal interna permaneceria vazia.

A previsão que a hipótese de Galves, Britto e Sousa também faz é que, em ordens V3 com dois argumentos do sintagma verbal precedendo o verbo finito, a próclise seja a escolha categórica. Isso aconteceria porque, embora o primeiro argumento da sequência linear esteja na posição externa, o segundo argumento ocupa a posição interna, de tal modo que o verbo não seria o primeiro constituinte absoluto da oração, resultando daí a superficialização do clítico em posição pré-verbal, em conformidade com a lei de Tobler-Mussafia. Nos dados que analisamos, os exemplos de ordem SOV não ajudam a confirmar a previsão dessa hipótese, já que em nenhum dos três dados registrados há um pronome clítico. Porém, os dados encontrados que manifestam a ordem contrária, isto é, OSV, permitem que se teste a validade da hipótese, já que em todos eles há um clítico. No âmbito das sentenças transitivas analisadas, pudemos atestar dez orações com um complemento deslocado sendo seguido por um sujeito pré-verbal. O fato digno de nota é que, em 100% desses casos, a próclise é a opção superficializada, como mostramos em (15), o que é de se esperar sob a proposta de Galves, Britto e Sousa.

- (15) a. Ao x_k [nós] lhe_e **chamamos** cis, mas eu lhe chamaria antes xi, porque assim o pronunciamos na escritura: pronuncia-se com as queixadas apertadas no meio da boca, os dentes juntos, a língua ancha dentro na boca e o espírito ferve na humidade da língua.
- b. E porque aqui é tempo, como de caminho quero dizer deste averbio até, o qual antre nós responde ao que os latinos dizem usque, este averbio_k, digo, [alghuns] o_k **pronunciam** conforme ao costume da nossa lingua que é amiga d'abri-la boca;
- c. E os mais antigos todos os lugares que agora se escrevem com q_k, [elles] os_k **escreviam** com c;
- d. No primeiro destes o derradeiro caso que é mi_k [alghuns] o_k **acabam** com esta letra til,

e. e contudo se pronunciam ambos aquelles acentos ou qual delles_k, [elles] o_k saibam.

f. e contudo se pronunciam ambos aquelles acentos ou qual delles_k, [elles] o_k saibam.

g. e, se a tem ou não, ou se é boa a pronunciação que lhe dão alguns latin_o_k, [elles] o_k vejam.

h. E se assi o fazem também outras gentes_k, [elles] o_k vejam.

i. E isto_k [a esperiencia e propriedade das nossas vozes] no-lo_k ensinam.

j. Estes nomes_k [eu] não nos_k pronunciaria nesta forma cidadoa, capitoa, viloa, rascoa, aldeoa, mas pronuncia-los-ia assi: aldeã, vilã, cidadã.

Uma vez evidenciada empiricamente a hipótese de que existem duas posições pré-verbais especificadas para sintagmas de natureza argumental, uma interna e outra externa à oração, e dado que a posição pré-verbal interna não é exclusiva do sujeito, pelo simples fato de não haver uma posição pré-verbal específica para o sujeito, chega-se à interessante constatação de que o PCI se comporta como uma língua do tipo V2. Dizemos isso especialmente porque, segundo análises correntes, uma das características distintivas de línguas V2 tem a ver justamente com o fato de apresentarem uma posição imediatamente pré-verbal capaz de abrigar constituintes de diferentes naturezas, e não especificamente o sujeito. Em vista disso, torna-se interessante discutir a maneira como o efeito V2 tem sido analisado na literatura especializada, atentando de um modo especial para a questão da posição final do sujeito em seqüências SV e, conseqüentemente, do verbo também. A partir disso, será possível ver até que ponto o PCI, de fato, pode ser considerado uma língua V2, e quais as implicações para a sintaxe de posição do verbo.

Em termos puramente descritivos, o fenômeno V2 se caracteriza da seguinte maneira: em orações matrizes, o verbo finito aparece obrigatoriamente na segunda posição superficial, sendo precedido por um XP de qualquer natureza. Assim, nas línguas que se caracterizam como V2, seqüências do tipo $Y+XP+V$, em que Y é um elemento não-nulo, são agramaticais em orações não-dependentes. As primeiras e mais bem conhecidas análises gerativistas do fenômeno V2 (THIERSCH, 1978; DEN BESTEN, 1983) foram formuladas para descrever línguas como o Alemão e o Holandês, nas quais a ordem V2 é manifestada em orações matrizes, mas não em orações dependentes (isto é, orações encaixadas introduzidas por um complementizador visível ou sintagma QU-), como ilustram os exemplos a seguir do Alemão, extraídos de Van Kemenade (1997).

- (16) a. Er **hat** ihm gestern gesehen
 Ele tem o ontem visto
 “Ele o viu ontem”
- b. Gestern **hat** er ihm gesehen
 ontem tem ele o visto
 “Ele o viu ontem”
- (17) a. *...daß gestern **hat** er ihm gesehen
 que ontem tem ele o visto
- b. *...daß **hat** er ihm gestern gesehen
 que tem ele o ontem visto
- c. ...daß er ihm gestern gesehen **hat**
 que ele o ontem visto tem
 “que ele o viu ontem”.

Dado que os estudos iniciais sobre o fenômeno V2 focalizaram línguas que apresentam a assimetria matriz/subordinada em relação ao posicionamento do verbo, foi proposto que a ordem de palavras V2 era o resultado do movimento do verbo finito de I para C, ou, nos termos aqui empregados, de T para C. Como o núcleo de CP é preenchido por um complementizador em orações subordinadas, o alçamento do verbo para lá é bloqueado — o que explicaria de maneira elegante a assimetria observada entre orações principais e subordinadas. O constituinte inicial em orações V2, incluindo sujeitos pré-verbais, ocuparia então o especificador de CP, uma posição não-temática precedendo imediatamente o verbo finito em C. Assim, a estrutura frasal de uma oração V2, como em (16), teria a seguinte configuração.

- (18) a. Estrutura derivada de (16a):
 $[_{CP} Er_i [C \text{ hat}_j [_{IP} \dots t_i \dots t_j]]]$
- b. Estrutura derivada de (16b):
 $[_{CP} Gestern_i [C \text{ hat}_j [_{IP} \dots t_i \dots t_j]]]$

No entanto, esta explicação não fornece uma resposta satisfatória para línguas V2 que não apresentam a assimetria, isto é, línguas nas quais o verbo finito aparece em segunda posição tanto nas principais como também nas dependentes, como é o caso do Islandês, ilustrado com as sentenças em (19), extraídas de Rögnvaldsson e Thráinsson (1990).

(19) a. *Ég held [aä þegar hafi Maria lesiä.*
Eu acredito que já tem Maria lido
“Eu acredito que a Maria já leu”.

b. *Jón harmar [aä þessa bók skuli ég hafa lesiä*
João lamenta que este livro (v. modal) eu ter lido
“O João lamenta que eu tenha lido este livro”.

Uma maneira de interpretar esses fatos seria assumindo que, em línguas V2 simétricas, isto é, línguas que manifestam a ordem V2 nas principais e nas dependentes, o verbo finito se move até I apenas, não alcançando, portanto, o núcleo de CP. Em tais línguas, o constituinte precedendo o verbo ocuparia o especificador de IP (entre outros, DIESING, 1988; SANTORINI, 1995). Com isso, a ordem de palavras V2 seria obtida mesmo diante da presença de um complementizador. Em tais línguas, [Spec, IP] seria uma posição A-barra, não configurada para abrigar exclusivamente o sujeito gramatical.

Uma maneira alternativa de capturar esse mesmo fato relacionado à simetria de certas línguas V2 seria propondo a existência de uma categoria funcional entre CP e IP para onde o verbo possa ser açado e na qual estaria disponível um especificador capaz de abrigar o constituinte pré-verbal tanto das sentenças principais como também das subordinadas (CRAENENBROECK; HAEGEMAN 2007). Assim, a presença de um complementizador, como seria o caso das sentenças subordinadas, não impediria que a ordem V2 fosse derivada, uma vez que o licenciamento do verbo finito não se daria no domínio de CP, mas sim no domínio de uma categoria funcional mais baixa. Além disso, nessa proposta [Spec, IP] continuaria sendo uma posição A, exclusiva para hospedar o sujeito gramatical. Aqui ressaltamos que essas duas abordagens explicativas para a ordem V2 em línguas simétricas não invalidam necessariamente uma à outra. O fato de se poder explicar a ordem linear V2 em línguas simétricas de duas formas diferentes talvez simplesmente indique que esse fenômeno não possa ser tratado de maneira unifor-

me. Assim, talvez haja línguas V2 simétricas com movimento do verbo até T e outras com movimento do verbo até uma projeção intermediária entre CP e TP. Dependendo da posição final do verbo, a posição pré-verbal seria ou em [Spec, TP] ou no especificador da categoria intermediária.

Dado esses fatos sobre o fenômeno V2, tal como vêm sendo registrados e analisados no âmbito da gramática gerativa, levanta-se a seguinte questão: o PCI se comportaria mais semelhantemente a uma língua V2 assimétrica ou simétrica? A análise do texto que realizamos parece indicar uma semelhança maior com uma gramática V2 do tipo simétrica. Como os exemplos em (20) e (21) a seguir mostram, o mesmo tipo de ordem encontrada nas orações matrizes é atestado também no âmbito das orações dependentes. Em (20a,b), o elemento pré-verbal de cada uma das orações matrizes é o sujeito gramatical, tal como nas orações dependentes em (20c,d). Em (21a,b), o sintagma pré-verbal das orações matrizes é um objeto deslocado, à semelhança do que se atesta no âmbito das orações dependentes, como confirmam os exemplos (21c,d).

- (20) a. E esses estudos **fazem** mais durar a gloria da terra em que florecem, porque Grecia e Roma só por isto ainda vivem;
 b. O costume novo **traz** à terra novos vocabulos,
 c. E isto porque nos não podemos salvar com os latinos dizendo [que] a consoante ou consoantes e letras que vão adiante **fazem** grande ou pequena a letra vogal que fica;
 d. E quasi podemos notar [que] os averbios acabados em mente **sinificam** calidade;
- (21) a. E esta diferença ou semelhança, a que os gregos chamam anomalia e analogia, **ensinaremos** nós na nossa lingua quanto nos Deos ministrar e couber nesta pequena obra, porque mostremos que os homens também sabem falar e têm concerto em sua lingua.
 b. Hüa certa maneira de dições, maiormente verbos, **temos** nós que parecem juntos, como apanhar, arranhar, açoutar, abertura, abastança, acerto.
 c. Ainda porém que cuidio [que] este privilegio **tem** esta letra s somente.
 d. Pois se alguém me dixer que podemos dizer como temos muitos vocabolos latinos e [que] isto **alcançam** os homens doutos que sabem lingua latina,

Dada a simetria matriz/subordinada no tocante à ordenação de constituintes, parece-nos natural descartar [Spec, CP] como a posição interna à oração para onde

se deslocam os argumentos do sintagma verbal quando superficializados antes do verbo, já que esta posição interna necessariamente deve estar abaixo do núcleo de CP. Com isso, pode-se descartar de igual modo a hipótese de que a posição final do verbo seja em C.

Em vista disso, as opções configuracionais de licenciamento do sujeito em posição pré-verbal são ou [Spec, TP] ou o especificador de uma categoria intermediária entre CP e TP. Quanto à real existência de uma categoria intermediária entre CP e TP no Português, diversos trabalhos defendem essa proposta, associando tal categoria, entre outras coisas, ao traço de quantificação e focalização (entre outros, RAPOSO, 2000; RAPOSO; URIAGEREKA 2005). Considere-se a sentença a seguir do PE, extraída de Raposo & Uriagereka (1996).

(22) Dizem que muitos presentes o Luís deu a Maria.

Na sentença acima, tem-se o complementizador *que* seguido pelo sintagma quantificado *muitos presentes*, que por sua vez é seguido pelo sujeito *o Luís*. Caso se aceite que o sujeito no exemplo (22) acima ocupa [Spec, TP], resta ao complemento quantificado estar posicionado numa projeção localizada entre CP e TP. Sob a hipótese plausível de que não há variação linguística no que diz respeito ao componente semântico, é natural assumir que uma projeção especializada para sintagmas quantificados, localizada entre CP e TP, seja licenciada em todas as línguas, incluindo-se o Português em seu período clássico.¹⁰ No âmbito deste trabalho, rotularemos tal categoria intermediária de FP, à semelhança de Uriagereka (1995).

Que o especificador de FP seja a posição V2 interna para onde podem se mover os argumentos do sintagma verbal é possível depreender a partir dos exemplos a seguir registrados nos dados analisados:

(23) a. Nem **foram** as partes desta voz amariamos, enquanto sinifica amar, trazidas doutras dições e juntas aqui por arte,
b. Por seu mandado **foi** o livro que digo escrito e está no moesteiro de Pera Longa e chama-se Estorea Geral, no qual achei esta com outras antiguidades de falar.

¹⁰ Cf. Cardinaletti (2004) para evidências apresentadas por outras línguas.

Os exemplos acima correspondem a orações passivas perifrásticas (verbo *ser* + particípio passado), com o constituinte portador do papel temático de argumento interno sendo superficializado entre a forma finita passada do verbo *ser* e a forma no particípio passado do verbo *trazer*, em (23a), e do verbo *escrever*, em (23b). Em construções desse tipo, o sintagma que desencadeia a concordância com o verbo finito, ou seja, que assume a função de sujeito gramatical, é aquele portador do papel temático de argumento interno, e não o sujeito semântico, que não precisa necessariamente ser expresso. Nesse sentido, as passivas perifrásticas apresentam um contraste com sentenças transitivas ativas, já que nestas é o sujeito semântico, que nada mais é do que o sintagma portador do papel temático de argumento externo, quem estabelece a concordância com o verbo finito, funcionando dessa forma também como sujeito gramatical. Em razão dessa similaridade de comportamento entre o argumento interno de passivas perifrásticas e o argumento externo de sentenças transitivas ativas, tem-se defendido que o sintagma argumento interno das passivas perifrásticas ocupe ou esteja ligado a uma posição reservada para o sujeito gramatical da oração. Nos exemplos em (23), por estar à esquerda do verbo lexical com morfologia passiva, infere-se que o argumento interno de cada uma das orações não esteja em sua posição base, isto é, como um complemento de V. Por questões internas à teoria, [Spec, vP] também não poderia abrigar o argumento interno, já que se trata da posição onde é gerado o argumento externo (CHOMSKY, 1995). Com isso, dada a discussão feita até agora, restariam duas posições: ou [Spec, TP], ou [Spec, FP]. Uma representação esquemática dessas duas possibilidades é apresentada a seguir, a partir do exemplo (23a).

- (24) a. [_{CP} [_C foram_i [_{FP} as partes... [_F t_i ...
 b. [_{FP} [_F foram_i [_{TP} as partes [_T t_i ...

Em (24a), deve-se pressupor que o verbo finito no exemplo (23a), precedendo o sujeito gramatical da oração passiva perifrástica, esteja em C. Entretanto, como já discutido, em razão da similaridade do PCI com as línguas V2 simétricas, o núcleo de CP não pode ser considerado um candidato em potencial para abrigar o verbo finito em sentenças declarativas. Em vista disso, o sujeito gramatical no exemplo (23a) só pode estar em [Spec, TP], como representado em (24b). Dado que o verbo finito no exemplo em questão deve estar acima de [Spec, TP], mas abaixo do núcleo de CP, chega-se simultaneamente a duas conclusões importantes: 1) o verbo finito se encontra em F e 2) a posição pré-verbal interna, habilitada para abrigar sujeitos pré-verbais ou complementos deslocados, é [Spec, FP].

Neste trabalho, assumimos que, no caso das sentenças com sujeito pré-verbal, antes de chegar a [Spec, FP], o sujeito gramatical deve passar por [Spec, TP], onde checaria os traços phi de T (traços estes relacionados à concordância). Uma evidência corroborando essa idéia vem justamente de uma outra sentença passiva perifrástica, no contexto de oração encaixada com o sujeito gramatical em posição pré-verbal.

(25) E para [que isto seja bem feito] he necessario que nesta parte não tenha licença senão quem com habelidade e saber for merecedor della.

A hipótese verossímil é que o argumento interno na sentença (25) esteja na posição pré-verbal V2, isto é, [Spec, FP]. Acrescentando-se a isso o resultado alcançado a partir da análise dos exemplos em (23), na qual dissemos que o argumento interno em posição pós-verbal das sentenças referidas encontrava-se em [Spec, TP], é uma consequência natural propor que o caminho dos sujeitos gramaticais até [Spec, FP], nos casos em que são superficializados em posição pré-verbal, seja através do especificador da categoria funcional TP. Com isso, podemos dizer que, além de [Spec, vP], [Spec, TP] também se coloca como um possível lugar para a superficialização de sujeitos pós-verbais.

Conclusões

Neste artigo, procuramos determinar a posição do verbo em orações declarativas na gramática do PCI. Procedemos à esta investigação a partir de um mapeamento das possíveis posições de superficialização do sujeito. Por apresentar características de língua V2 do tipo simétrica, defendemos que a categoria funcional FP, localizada entre CP e TP, é sempre ativada no PCI. [Spec, FP] funcionaria como a posição pré-verbal de línguas V2, ao passo que o verbo estaria em F. Com relação às possíveis configurações estruturais de superficialização do sujeito, observamos que, quando em posição pós-verbal, tanto [Spec, vP] quanto [Spec, TP] se apresentam como possibilidades para o licenciamento do sujeito. Quando em posição pré-verbal, pode-se ter o sujeito ou em [Spec, FP], a posição V2 dessa gramática, ou numa posição externa à oração, cuja natureza não chegamos a precisar no âmbito deste trabalho.

ANTONELLI, André Luis. Clause structure and verb position in Classical Portuguese. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 49-67, 2008.

ABSTRACT: *Within the framework of the Principles and Parameters Theory in its minimalist version (CHOMSKY, 1995, and subsequent works), the main goal of this paper is to determine the position occupied by the finite verb in the clause structure of declarative clauses in the grammar of Classical Portuguese. In order to reach that aim, we will investigate the Grammatica da Lingoagem Portuguesa, a work written by Fernão de Oliveira and published in 1536, taking it as a representative text of the classical period of the grammar of European Portuguese. Here we will claim that the final position of the verb is in the head of the functional category FP (in the sense of URIAGEREKA, 1995), located between CP and TP.*

KEYWORDS: *Verb Position. Clause Structure. Subject. Syntax. Classical Portuguese.*

Referências

CARDINALETTI, A. Toward a cartography of subject positions. In: RIZZI, L. **The structure of CP and IP**. New York: Oxford University Press, 2004. p. 115-166.

CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

COSTA, J. Adverb positioning and V-movement in English: some more evidence. **Studia linguistica**, v.50.1, p. 22-34, 1996.

_____. **Word order variation: a constraint-based approach**. Leiden: Holland Academic Graphics, 1998.

CRAENENBROECK, J. VAN; HAEGEMAN, L. The derivation of subject-initial V2. **Linguistic inquiry**, v.38, p. 167-178, 2007.

DEN BESTEN, H. On the interaction of root transformations and lexical deletive rules. In: ABRAHAM, W. **On the formal syntax of the Westgermania**. Amsterdam: John Benjamins, 1983. p. 47-131.

DIESING, M. Word order and the subject position in Yiddish. In: BLEVINS, J.; CARTER, J. **Proceedings of NELS 18**. Amherst: GSLA, 1988. p. 124-140.

GALVES, C.; BRITTO, H.; SOUSA, M. C. P. The change in clitic placement from Classical Portuguese to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus. **Journal of Portuguese Linguistics**, v.1, p. 39-67, 2005.

GALVES, C.; NAMIUTI, C.; SOUSA, M. C. P. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: ENDRUSCHAT, A.; KEMMLER, R.; SCHAFER-PRIET, B. **Grammatische strukturen des Europäischen Portugiesisch**. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006. p. 45-75.

KOOPMAN, H.; SPORTICHE, D. The position of subjects. **Lingua**, v.85.1, p. 211-258, 1991.

MORAIS, M. A. T. **Do Português Clássico ao Português Moderno**: um estudo da cliticização e do movimento do verbo. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

OLIVEIRA, Fernão de. **Grammatica da Lingoagem Portuguesa**. Lisboa, Casa de Germão Galharde, 1536.

RAPOSO, E. Clitic positions and verb movement. In: COSTA, J. **Portuguese syntax: new comparative studies**. New York: Oxford University Press, 2000. p. 266-297.

_____.; URIAGEREKA, J. Clitic placement in western Iberian: a minimalist view. In: CINQUE, G.; KAYNE, R. **The Oxford handbook of comparative syntax**. New York: Oxford University Press, 2005. p. 639-697.

_____. Indefinite SE. **Natural language and linguistic theory**, v. 14, p.749-810, 1996.

RÖGNVALDSSON, E.; THRÁINSSON, H. On Icelandic word order once more. In: MALING, J.; ZAENEN, A. **Modern Icelandic syntax: syntax and semantics 24**. San Diego: Academic Press, 1990. p. 3-40.

SANTORINI, B. Two types of verb second in the history of Yiddish. In: BATTY, A.; ROBERTS, I. **Clause structure and language change**. New York: Oxford University Press, 1995. p. 53-79.

SOUSA, M. C. P. **Língua barroca**: sintaxe e história do Português nos 1600. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

THIERSCH, C. **Topics in German syntax**. Tese (Doutorado em Linguística) – MIT, 1978.

URIAGEREKA, J. An F position in western Romance. In: KISS, K. **Discourse configurational languages**. New York: Oxford University Press, 1995. p. 153-175.

VAN KEMENADE, A. V2 and embedded topicalization in Old and Middle English. In: VAN KEMENADE, A.; VINCENT, N. **Parameters of morphosyntactic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 326-352.

